



### DIÁLOGOS ENTRE A PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA E A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA

*Dialogues between Person-Centered Psychotherapy and Hermeneutic-Phenomenology*

*Diálogos entre la Psicoterapia Centrada en la Persona y la Fenomenología Hermenéutica*

**Márcia Elena Botelho Soares  
Hian Soares Teixeira**

**Resumo:** Este artigo discute, por meio da pesquisa bibliográfica, temas presentes em publicações nacionais que parecem indicar reconfigurações da matriz epistemológica da psicoterapia centrada na pessoa, dadas à articulação que seus autores fazem entre esta e conceitos da fenomenologia de Martin Heidegger. Verifica-se que propõem uma releitura da obra de Carl Rogers, consoantes com o cenário e dilemas psicológicos vividos atualmente. Foi possível identificar alguns pontos convergentes entre os temas anunciados pelos autores e os conceitos heideggerianos, dentre eles: centralidade-abertura, angústia-angústia, autenticidade-cuidado, que foram sistematizados através das inter-relações entre as perspectivas psicológicas e filosóficas.

**Palavras-chave:** Psicoterapia Centrada na Pessoa; Psicologia Clínica; Fenomenologia Hermenêutica.

**Abstract:** This article discusses, through bibliographical research, themes present in national publications which indicate reconfigurations of the epistemological matrix of person-centered psychotherapy, given the articulation that its authors make between it and the concepts of Martin Heidegger's phenomenology. They propose a re-reading of Carl Rogers' work, in accordance with the current scenario and psychological dilemmas. It was possible to identify some points of convergence between the themes announced by the authors and Heideggerian concepts, among them: centrality-openness, anguish-angst, authenticity-care, which were systematized through the interrelations between psychological and philosophical perspectives.

**Keywords:** Person-Centered Psychotherapy; Clinical Psychology; Hermeneutic Phenomenology.

**Resumen:** El artículo discute, por medio de la investigación bibliográfica, temas presentes en publicaciones nacionales que parecen indicar reconfiguraciones de la matriz epistemológica de la psicoterapia centrada en la persona, dadas a la articulación que sus autores hacen entre ésta y conceptos de la fenomenología de Martin Heidegger. Es posible verificar que proponen una relectura de la obra de Carl Rogers, consonantes con el escenario y dilemas psicológicos vividos actualmente. Se pudieron identificar puntos convergentes entre los temas anunciados por los autores y los conceptos heideggerianos, entre ellos: centralidad y apertura, angustia-angustia, autenticidad y cuidado, sistematizados mediante las interrelaciones entre perspectivas psicológicas y filosóficas.

**Palabras-clave:** Psicoterapia Centrada en la Persona; Psicología Clínica; Fenomenología Hermenêutica.

Bezerra (2007), ao introduzir sua dissertação em que objetiva problematizar as bases epistemológicas da terapia centrada na pessoa e da Gestalt-terapia, expõe que o mundo contemporâneo tem sido descrito como propiciador de tensões e sofrimentos de diversas ordens, pois é atravessado pelo consumismo, pela violência urbana, pelo desequilíbrio ecológico, pelas

desigualdades sociais e pelo desemprego. Assim, é cada vez mais comum a procura por psicoterapia devido a sentimentos de solidão, à perda de sentido na vida e à ansiedade; e são exigidas novas formas de compreensão da existência humana e novas práticas psicológicas para dar suporte aos sofrimentos do homem contemporâneo.

Ainda é muito presente nas teorias psicoterápicas, de um modo geral, uma concepção de sujeito abstrato e descontextualizado historicamente, o que dificulta a emergência de um novo fazer clínico que inclua o contexto social em que o sujeito está inserido e no qual o psicólogo norteia-se pelo compromisso ético, mais do que por uma teoria em si. Tal postura implica necessariamente em revisões nos referenciais teóricos que subsidiam as práticas clínicas (Dutra, 2004), pois não é mais possível se contentar com conhecimentos produzidos em contextos socioculturais distintos, sem apropriá-los ou reconstruí-los sob novas bases.

Além disso, verificou-se a pouca criticidade aos pressupostos epistemológicos norteadores das psicoterapias humanistas (Moreira, 2007) – o que pode gerar, por vezes, um imobilismo teórico, que repercute na prática clínica. Também se destaca a publicação de estudos com um enfoque descontextualizado e fragmentado de determinados conceitos filosóficos, não os relacionando à atividade empírica da psicologia (Bezerra, 2007). Dessa forma, pode-se gerar contradições conceituais e dificultar o entendimento acerca das contribuições que a fenomenologia pode oferecer ao trabalho do psicólogo que se utiliza desta perspectiva como alternativa para a investigação e compreensão da experiência humana.

Na tentativa de superar esse debate epistemológico, alguns autores (Dutra, 2000; Barreto, 2001; Belém, 2004; Bezerra, 2007) usaram certos conceitos originados na fenomenologia heideggeriana para subsidiar a articulação das teses que elaboram sobre a psicoterapia centrada na pessoa. A escolha deste filósofo, e não de outros da fenomenologia que também são citados na literatura, foi devido à sua inserção no projeto da contemporaneidade, o que pode trazer contribuições para as reflexões da psicologia, em particular, da prática clínica. Trata-se de um recorte de sua relevância, pois “Ser e Tempo”, obra inacabada de Heidegger, tem como problema central a questão do sentido do ser, uma vez que este nunca havia sido tematizado dentro da tradição filosófica, que, segundo o autor, sempre esteve voltada para o ente enquanto ente, seja concebido como sujeito, seja associado à realidade, já na modernidade, como objeto (Heidegger, 1927/2005).

É por meio desta aproximação ao sentido do ser que se estabelece a possibilidade de compreensão das estruturas constitutivas mais fundamentais dos entes de uma forma geral. Assim, conceitos heideggerianos tais como ser-no-mundo, abertura, angústia e cuidado são frequentemente citados por autores da psicologia (Bezerra, 2007). Além disso, Dutra (2000)

considera a limitação do idealismo transcendental husserliano enquanto método de compreensão do vivido humano na realidade concreta do mundo, pois “reduziria a compreensão do ser à dimensão da subjetividade” (p. 53).

A aproximação entre psicologia e fenomenologia não é uma tarefa fácil, uma vez que são formas distintas de se pensar a existência humana. Enquanto a psicologia trata do homem psicológico, empírico, em uma perspectiva ôntica, a filosofia, em seus diversos sistemas teóricos, incluindo aí mais especificamente a fenomenologia heideggeriana, dedica-se, entre outras questões, à problematização do ser, em uma perspectiva ontológica. Apesar de haver divergências na tradição interpretativa da obra heideggeriana, assumimos esta como uma fenomenologia hermenêutica, visto que Heidegger reinterpreta o método fenomenológico, elaborado por Husserl, em íntima relação com a hermenêutica, a qual possibilita o desvelar do fenômeno, tornando, assim, a fenomenologia ontológica, pois a descrição fenomenológica realiza uma interpretação aplicada ao *Dasein* em si mesmo e por si mesmo (Nunes, 2002).

Apesar disso, é possível uma articulação entre esses dois saberes, pois como alerta Belém (2004, p. 74): “o pensamento filosófico nos permite uma interlocução sobre a condição humana, matéria prima do fazer clínico”. Ao desenvolver este trabalho, foi necessário transitar e dialogar entre saberes distintos, porém articulados entre si: psicologia, filosofia e epistemologia. Para Japiassu (1975/1992), falar de epistemologia é uma tarefa complexa e polêmica, pois há uma diversidade de trabalhos e de perspectivas sobre esse tema, ela significa, etimologicamente, discurso (*logos*) sobre a ciência (*episteme*). De modo geral, é definida como o estudo metódico e reflexivo do saber, de suas origens e de sua estrutura, a expressão “saber” possui um sentido mais amplo que o termo ciência, já que envolve tanto os saberes “especulativos”, não-científicos, quanto os “não-especulativos” ou científicos.

Todavia, a ciência, por si só, não existe; ela é fruto da interação, das negociações e da prática dos cientistas. O que temos são sistemas de conhecimentos específicos, em evolução permanente. Conforme Japiassu (1975/1992), o conhecimento pode ser abordado enquanto um conhecimento estado ou um conhecimento processo. Na modalidade processual, a ciência é concebida não como produtora de verdades absolutas e universais, mas como algo em construção e estruturação progressiva, podendo com isso refazer seus fundamentos através da teoria e da *práxis*.

No cenário epistemológico contemporâneo, o conhecimento é concebido na sua descontinuidade, complexidade e diversidade de interesses. Apresenta-se não mais como algo linear e fragmentado, mas enquanto uma rede de conhecimentos que se interligam e ultrapassam fronteiras epistemológicas. Ele é produzido ininterruptamente por meio dessas articulações,

pois é um processo histórico, que está sujeito à contínua reelaboração (Abreu, 1996). Assim sendo, o pensamento pós-moderno valida outras bases epistemológicas, o que repercute nas práticas decorrentes das diversas ciências. Neste contexto, o conhecimento psicológico ancora-se no domínio da intersubjetividade, afastando-se de uma perspectiva universal e essencialista. Abre-se à interlocução com outros saberes, orientado pela diversidade de teorias e práticas, uma vez que considera a transitoriedade e o caráter processual do conhecimento.

Por reconhecer a importância de contribuir no processo de atualização das teorias psicoterápicas a fim de que elas possam acompanhar os novos fenômenos psicológicos que se descortinam, incessantemente, nos dias atuais, é que buscou-se refletir em como se desenvolveram a teoria e o método da terapia centrada na pessoa, elaborada por Carl Rogers, para então, problematizar suas bases epistemológicas e analisar algumas reconfigurações teóricas propostas por autores brasileiros a partir da articulação com conceitos da fenomenologia de Heidegger. Sem intenção de esgotar o debate epistemológico ou filosófico, e com reconhecimento da amplitude e da complexidade do objetivo proposto, pretende-se colaborar com essa discussão.

Para desenvolver a reflexão crítica, organizou-se a pesquisa com o seguinte percurso metodológico: 1) foi feita uma revisão narrativa da literatura, por tratar-se de uma questão de pesquisa ampla, de materiais produzidos por autores brasileiros que apresentam análises críticas da abordagem centrada na pessoa, sua amostragem foi selecionada por conveniência para os objetivos da pesquisa, devido ao grande volume de materiais encontrados em bases de dados e bibliotecas de teses e dissertações; 2) analisaram-se os textos de autores brasileiros que propõem releituras da matriz epistemológica da psicoterapia centrada na pessoa com base na fenomenologia heideggeriana, os materiais foram encontrados em: dissertações, teses, artigos, trabalhos apresentados em encontros e livros.

### **Matriz Epistemológica da Psicoterapia Centrada na Pessoa**

Ao dividir o pensamento psicológico em matrizes, Figueiredo (1991/2002) inclui a Abordagem Centrada na Pessoa como pertencente à matriz vitalista e naturista, submatriz das matrizes românticas e pós-românticas. Segundo este autor, as teorias que fazem parte desta submatriz sustentam-se na premissa da autorrealização, da mística da liberdade, do vitalismo energético e na visão otimista da natureza humana. Esta posição é atestada por Moreira (2009) ao pontuar concepções de Rogers que condizem com esse raciocínio – como a tendência à realização, a confiança no indivíduo e a ideia de que a natureza humana é positiva –, mas, ao mesmo tempo, é tensionada ao reconhecer os desenvolvimentos contemporâneos pós-

rogerianos que se utilizam da fenomenologia, aproximando-se de elementos de uma matriz compreensiva fenomenológica.

Por sua vez, a submatriz compreensiva fenomenológica, de natureza pós-romântica, tenta superar o cientificismo e o historicismo – pois a fenomenologia não estuda os eventos naturais, mas sim os fenômenos, ou seja, aquilo que se apresenta à consciência, que por sua vez é sempre consciência de algo (Figueiredo, 1991/2002). Assim, a fenomenologia está na origem dos existencialismos, que possuem, segundo o autor, maior influência direta nas teorias psicológicas e que se unificam no objetivo de descrever e elaborar as categorias da existência concreta. Dessa forma, Moreira (2009) aponta as teorias fenomenológicas existenciais de Heidegger e de Merleau-Ponty como alternativas para realizar este fim, enfatizando o homem como um ser no mundo ou mundano.

Entretanto, reconhecer aproximações epistemológicas contemporâneas entre estas perspectivas não se trata de qualificar a teoria rogeriana como existencial ou fenomenológica, afinal a aproximação de Rogers com essas ideias ocorreu apenas na terceira fase do desenvolvimento de seu pensamento (Moreira, 2010), período em que grande parte de sua elaboração teórica já estava consolidada, e ele retoma suas concepções vitalistas no período subsequente à sua aposentadoria (Moreira, 2009). No que diz respeito a esse contato, ele mesmo afirma:

Não estudei filosofia existencial. O primeiro contato que tive com a obra de Soeren Kierkegaard e de Martin Buber deve-se à insistência de alguns estudantes de teologia de Chicago que empreenderam um trabalho comigo. Eles tinham a certeza de que eu encontraria no pensamento destes homens uma ressonância no meu, o que era bastante correto. (Rogers, 1961/1991, p. 179)

Entretanto, o trabalho de Rogers, após sua parceria com Eugene Gendlin, adquiriu uma visão mais processual, intersubjetiva, existencial e fenomenológica. O foco da terapia passou a ser, o que Gendlin denomina de *experencição*, isto é, o processo vivido subjetivamente pelo cliente ao trazer suas demandas. Com esse novo objetivo, houve uma maior expressividade e possibilidades de intervenção do psicoterapeuta, que também deveria atentar-se à sua *experencição* no momento do encontro terapêutico (Messias, 2001). Esta constatação é relevante, pois:

Pode-se começar a compreender a influência que Gendlin exerceu tanto na mudança de visão de ciência de Rogers, auxiliando-o a exercer uma ponte mais sólida entre o positivismo lógico e a visão fenomenológico-existencial, como na mudança quanto à orientação de pesquisa. (Morato 1989 como citado em Messias, 2001, pp.78-79)

Outra influência relevante na constituição do pensamento desse autor é o diálogo que Rogers exerceu com o *Zeitgeist* de sua época, dominado pelo funcionalismo e pelo pragmatismo (Castelo Branco & Cirino, 2016). Nessa direção, Barreto (1999) ressalta que o extremo interesse de Rogers com a comprovação científica dos dados observados na prática clínica é fruto do modelo positivista e da matriz científicista que dominava o projeto de constituição da psicologia da época, em que a noção de verdade e o conhecimento representacional estavam muito presentes.

Castelo Branco e Cirino (2016) expõem que as influências do funcionalismo no pensamento de Rogers manifestam-se nas suas concepções de experiência, de consciência, de tendência à realização e de organismo, porém deve-se ressaltar que essa apropriação ocorreu para compor apenas certos aspectos de sua teoria. Nessa direção, Moreira (2009) também aponta as repercussões do pragmatismo de John Dewey no pensamento rogeriano, como a ênfase na experiência para validar suas ideias e a compreensão do crescimento como processo contínuo. Além disso, o conceito de consideração positiva incondicional também foi formulado a partir de influências pragmatistas (Castelo Branco & Cirino, 2016).

Nesse contexto, metodologias qualitativas não eram consideradas científicas, o que pode ter impedido, por parte de Rogers, a busca por métodos que seriam mais apropriados para seus estudos clínicos, como o método fenomenológico, atendo-se assim a uma abordagem de pesquisa quantitativa (Moreira, 2009). Entretanto, essa autora pontua que apesar do compromisso com a ciência, em um paradigma positivista, Rogers enfrentou um dilema entre a ciência e a pessoa, o cientista e o psicoterapeuta, uma visão objetiva e uma visão subjetiva, dilema este que leva a uma tentativa de conciliar essas duas visões.

Para Rogers (1961/1991), a ciência tradicional busca um conhecimento objetivo dos acontecimentos e das relações funcionais entre estes, mas ele questiona, na pesquisa em psicoterapia, a objetificação do cliente e do próprio terapeuta e a manipulação como finalidade da ciência, que torna a consideração ética como mais fundamental do que a científica. Trata-se, como ele mesmo coloca, de um conflito entre o positivismo lógico de sua formação e o pensamento existencial com o qual ele entrava em contato e que se adequa a sua experiência como terapeuta, o que o leva a refletir que a ciência existe apenas nas pessoas, pois o

conhecimento científico é aquele que é subjetivamente aceitável às pessoas de sua época, o que permite sua comunicação aos demais envolvidos, ou seja, a ciência é utilizada por pessoas que investigam os objetos de estudo e valores que significam algo para elas mesmas (Rogers, 1961/1991). Dessa forma, o autor reconhece que a ciência se baseia na experiência imediata de pessoas, que é comunicável de forma limitada e incompleta.

Assim, Barreto (1999) aponta que Rogers, apesar de questionar a utilização do modelo positivista, não chegou a questionar a ciência em si mesma, pois ele confirma a validade deste método, o que propõe não é uma nova ciência, mas outro uso e significado para ela, com inclusão da dimensão subjetiva, processual e humana na produção científica, esta orientação positivista no processo de construção da teoria da Terapia Centrada no Cliente, na década de 1950, impediu Rogers, segundo a autora, de abordar a complexidade dos modos de subjetivação. Assinala que ele iniciou, nos períodos subsequentes, um processo de revisão metodológica e articulação com outros paradigmas científicos, não chegando, no entanto, a sistematizar esses dados e incluí-los na reformulação dos pressupostos básicos de sua teoria. Constata-se que:

Ele não parou de produzir. Mesmo nos seus últimos anos de vida, apresentava-se interessado pelo futuro da ciência e da humanidade. Longe de assumir uma postura acomodada, interessava-se em vislumbrar possibilidades para o futuro do mundo e da humanidade, reconhecendo a crise transformacional que o mundo atravessava. (Barreto, 1999, p. 39)

Reconhecendo a multiplicidade de influências teóricas que a abordagem recebeu e de diálogos contemporâneos que foram estabelecidos, retoma-se a afirmativa de Moreira (2009) que uma classificação epistemológica tal qual a proposta por Figueiredo não pode ser adotada rigidamente e nem de forma definitiva. No contexto atual, é importante não só reproduzir os preceitos da teoria rogeriana, mas seguir as indicações de mudança deixadas pelo próprio Rogers. É necessário interpretar sua obra, atualizá-la, e produzir conhecimento baseado no contexto sociocultural brasileiro, pois este poderá ser um caminho para a construção de uma abordagem capaz de oferecer respostas criativas às urgentes demandas decorrentes de nossa realidade social.

## **Estudos Críticos Sobre a Psicoterapia Centrada na Pessoa**

Na final do século XX, Moreira (1990) realizou uma revisão crítica da psicoterapia de Carl Rogers, buscando identificar as implicações do conceito de pessoa na teoria e prática clínica de Rogers, apresentando o conceito de carne de Merleau-Ponty como possível contribuição à reformulação da teoria rogeriana. Freire (1989) também analisou o desenvolvimento teórico-metodológico da Abordagem Centrada na Pessoa, tomando por base o materialismo dialético, propondo uma abordagem dialética da pessoa. Frota (1990) com orientação crítico-dialética, objetivou traçar uma evolução histórica dos conceitos básicos da Abordagem Centrada na Pessoa e da Gestalt-terapia e analisar depoimentos de terapeutas destas abordagens sobre a visão do ato terapêutico enquanto “ato político”, visando identificar se essas perspectivas poderiam se fazer instrumentos de conscientização social e política. Holanda (1993) estabeleceu relações entre a filosofia do diálogo de Martin Buber e o pensamento de Carl Rogers, como uma base para um novo modelo de psicoterapia. E Teani (1997) analisando depoimentos de psicoterapeutas, descreveu a estrutura de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, fundamentando-se no enfoque experiencial da ACP, com ênfase existencial-fenomenológica.

Freire (2000) defendeu tese de doutorado, propondo-se uma escuta ética das psicologias contemporâneas, em especial do behaviorismo radical, psicogenética, abordagem centrada na pessoa e análise existencial, a partir da ética da alteridade radical de Emmanuel Lévinas. Barreto (2001) objetivou compreender o mal-estar contemporâneo partindo da experiência clínica; realizou uma leitura crítica da teoria da terapia centrada no cliente, apresentando o conceito de angústia de Heidegger enquanto possível contribuição para fecundar e ressignificar a prática clínica. Messias (2001) também realizou uma revisão teórica das formulações da terapia centrada no cliente que, a partir da incorporação do conceito de experiência de Eugene Gendlin, sofreu uma transição do pensamento positivista para o fenomenológico.

Dutra (2000), em sua tese de doutorado, buscou compreender as tentativas de suicídio de seis jovens adolescentes, residentes em uma capital do nordeste do país, valeu-se do constructo de self no enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa, propondo uma articulação com conceitos da ontologia de Martin Heidegger. Também vale destacar a dissertação de Barbosa (2002) que discutiu o fracasso em psicoterapia, tomando como referência a Abordagem Centrada na Pessoa e a noção de subjetividade de Merleau-Ponty. Assim como a dissertação de Belém (2004), que desenvolveu uma leitura da teoria de Carl Rogers à luz do pensamento de Martin Heidegger, buscando construir um olhar contemporâneo sobre a Abordagem Centrada na Pessoa.

Mais recentemente, Paulo Castelo Branco (2010), defendeu sua dissertação de mestrado sobre a noção de organismo no *feri* teórico de Carl Rogers, apontando que este dialogou ao longo das fases de seu pensamento com o funcionalismo e o pragmatismo; a psicanálise freudiana de Hank, Horney e Sullivan; o cientificismo da psicologia norte-americana; a Psicologia da Gestalt; a teoria de campo de Kurt Lewin; os teóricos da personalidade; a filosofia educacional, social e política estadunidense; o conceito de experiência de Eugene Gendlin; a experiência com grupos; a atuação no campo da educação; os estudos de Goldstein, Maslow e Angyal; e o paradigma sistêmico. Segundo a pesquisa do referido autor, no que se refere à fenomenologia, pode-se destacar a inclinação fenomenológica de Gendlin, cujo conceito de experiência foi referido por Rogers como um construto útil ao seu pensamento, inclusive enriquecendo-o após sua assimilação. Ademais, Castelo Branco (2012), em outra pesquisa, realiza uma leitura crítica dos aspectos monadológicos da teoria de Carl Rogers à luz da fenomenologia social de Alfred Schutz, apontando elementos conexos entre os dois e elementos díspares, implicando o pensamento rogeriano em uma vertente sociofenomenológica, o que permite desenvolver uma abordagem descentrada na pessoa, pós-rogeriana no contexto brasileiro.

Por outro lado, a aproximação de Rogers com a fenomenologia é uma questão dialética, que também possui teses com críticas mais enfáticas a esta aproximação. Por exemplo, Evangelista (2015) aponta que as atitudes facilitadoras da psicoterapia centrada na pessoa foram associadas a atitude fenomenológica em psicologia, assim como também aponta Gendlin como interlocutor entre a psicologia de Rogers e as fenomenologias de Husserl e Heidegger. Mas, aponta inconsistências que afastam essas perspectivas, tais como uma suposta determinação da psicologia rogeriana na ontologia cartesiana, a naturalização do ser humano na concepção de pessoa como organismo cuja natureza é a propensão ao desenvolvimento, o apontamento de que a “ontologia rogeriana” compreende o homem como indivíduo, interior, subjetivo e o mundo como exterior, objetivo, com o qual o homem entra em contato. Por fim, o autor conclui que a desconfiança nos métodos científico-naturais seria única convergência entre a analítica existencial de Heidegger e a psicologia de Carl Rogers.

Nessa mesma direção, Feijoo e Mattar (2016) situam as diferenças entre as perspectivas humanista-existenciais, do qual a psicoterapia centrada na pessoa faz parte, e as fenomenológico-existenciais, na qual se inclui o pensamento heideggeriano, pois a união de ambas em uma terceira força em psicologia diz mais sobre sua oposição comum ao determinismo e ao causalismo comportamentais e psicodinâmicos do que uma identidade comum. As referidas autoras também sinalizam uma total incompatibilidade entre a ontologia

heideggeriana e o humanismo moderno, baseado na compreensão *daseinsanalítica* de que o *Dasein* não é passível de objetificação em nenhuma circunstância e no abandono radical da metafísica operado na filosofia heideggeriana, portanto, que abandona a ideia de uma interioridade ou potencialidade.

Por outro lado, Belmino (2021), ao estudar estes mesmos movimentos na história da psicologia, reconhece as diferenças entre ambos, mas aponta seus atravessamentos, interlocuções e até mesmo integração, destacando Rollo May como um ponto de encontro entre a tradição humanista norte-americana e a tradição fenomenológica-existencial europeia, assim como o movimento brasileiro de releitura fenomenológica-existencial das teorias humanistas. Defendemos que estas referências demonstram o interesse dos pesquisadores em realizar uma leitura crítica das propostas psicoterápicas e de articular seus modelos psicológicos com o pensamento de filósofos existencialistas e fenomenólogos no intuito de atender às novas demandas psicológicas que compõem o mundo hoje.

### **Contribuições da Fenomenologia Hermenêutica para a Psicoterapia Centrada na Pessoa**

Segundo Bezerra (2007), ao se referir a reconfiguração ou releitura, não se refere necessariamente a destruição ou negação das ideias rogerianas, mas sim, uma proposta de atualização, redimensionamento e olhar contemporâneo, por meio de uma mudança no campo epistemológico. Isso implica, portanto, em novas considerações a respeito de alguns conceitos básicos, como por exemplo, a noção de pessoa, de subjetividade, de compreensão, de fenômeno psicológico, dentre outros.

As inquietações que motivaram a produção de grande parte dos autores pesquisados perpassam por questionamentos quanto ao suporte oferecido pelas práticas psicológicas diante das necessidades e sofrimentos do homem contemporâneo. Belém (2004) argumenta que a crise de paradigmas na contemporaneidade “aponta para a insuficiência dos parâmetros da tradição moderna – dos quais Rogers se manteve fiel – que não dão mais conta de determinados fenômenos” (p. 79). Novas formas de se pensar as psicoterapias são necessárias, pautadas na compreensão da relação terapêutica a partir da intersubjetividade e da constituição homem-mundo.

É neste sentido que a fenomenologia heideggeriana é apontada como uma possibilidade de diálogo, e não de fundamentação, com a psicoterapia centrada na pessoa, uma vez que ela oferece novos subsídios para se pensar a existência humana, ampliando e flexibilizando o legado de Rogers (Belém, 2004; Advíncula, 2001a; Barreto, 2001; Barreto e Morato, 2001; Dutra, 2000; Moreira, 1992).

O projeto epistemológico da modernidade dominou o pensamento ocidental até meados do século XX. Respalda-se no paradigma mecanicista newtoniano com os conceitos de objetividade, certeza e dualismo, em que a razão ocupa um lugar central e o ser humano é colocado como centro e dominador do universo. Ibañez (1992 como citado por Grandesso 2000) ressalta que a modernidade se apoia em quatro mitos: o do “conhecimento válido como representação correta e confiável do mundo, o do objeto como constitutivo deste mundo, o da realidade independente do observador e o mito da verdade como o critério decisório” (p. 49).

No pensamento moderno, o objetivo é buscar o conhecimento fundamental, verdadeiro e rigoroso de um mundo objetivo, passível de observação, apriorístico, que existe independentemente de um sujeito cognoscente. Destaca-se o “caráter desvendador de um sujeito que descobre verdades universais, que podem ser expressas em leis gerais, atemporais e descontextualizadas” (Grandesso, 2000, p. 49). Esta tradição de pensamento, portanto, apoia-se no dualismo sujeito e objeto, mundo interno e mundo externo.

Barreto e Morato (2001) argumentam que, em relação às matrizes do conhecimento psicológico, estas refletem a forma de construção da modernidade, em que o conhecimento é válido quando elaborado na forma de conceitos, por meio de uma linguagem objetiva, cuja representação se adequa ao objeto percebido, ou seja, busca-se capturar o real, representado na forma de teoria. Assim sendo, o sujeito do conhecimento é tido como sujeito epistêmico pleno, desligado de qualquer dimensão mundana, eliminando, com isso, o aspecto relacional, posto que o mundo é criado a partir de si mesmo.

Apesar da crise e suposto declínio do projeto da modernidade, com sua ênfase à supremacia da razão e do progresso, ainda existe hoje, no período que se convencionou designar de contemporâneo ou pós-moderno, um sujeito que luta e se impõe como racional. Este é um período de transição, de mudanças, em que antigos valores e costumes são questionados ao mesmo tempo em que lutam por sua permanência (Belém, 2004).

Advíncula (2001b, p. 44) ressalta que “as vicissitudes existenciais reclamam por mudanças paradigmáticas que implicam transformações no exercício das práticas clínicas”. Nesse início de século, emoções são experimentadas em intensidades diversas; sentimento de vazio, consumismo, individualismo, globalização, vida fragmentada, digital, enfim, o mundo contemporâneo enseja múltiplas configurações, de forma que “somos convocados e desafiados a desconstruir os ideais da tradição filosófica das identidades e das representações” (Advíncula, 2001b, p. 53), em vista de um pensamento complexo, já que:

O humano, nessa nova configuração, deve ser compreendido, não só como singular, mas singular-plural; não só homogêneo, mas homogêneo-heterogêneo; não só, finalmente, indivíduo-pessoa entendido como substância essencial e indivisa, mas, principalmente, o homem que penetra e é penetrado pelo mundo, numa mútua constituição. (Advíncula, 2001a, p. 139)

É neste sentido que se propõe uma leitura crítica sobre a teoria da psicoterapia centrada na pessoa, sistematizada por Rogers, principalmente, na década de 1950, uma vez que ela é construída dentro do clima epistemológico da modernidade, influenciada pelo ponto de vista positivista e por valores da tradição americana. Para Bezerra (2007), há praticamente um consenso entre os autores de que existe na obra de Rogers, corroborado por ele mesmo, uma perspectiva teórica vinculada tanto ao funcionalismo biológico e ao positivismo lógico quanto a uma perspectiva existencial-fenomenológica.

Rogers não conseguiu resolver esse conflito, mantendo-se vinculado aos preceitos da ciência tradicional e à dicotomia entre objetivismo e subjetivismo, apesar de ter reconhecido a dimensão subjetiva da produção científica. Como consequência construiu a teoria da terapia com base nos moldes científicos de causa e efeito, a teoria “se-então”, pois acreditava que a utilização dos processos da ciência lhe possibilitaria encontrar uma ordem na relação terapêutica e delimitar as condições facilitadoras do processo de mudança da personalidade (Barreto & Morato, 2001).

Moreira (1992, p. 16) problematiza a noção de pessoa na teoria de Rogers, fruto da cultura da qual ela emerge. Afirma que, no início de sua carreira, ele se preocupou com as influências socioculturais, mas, à medida que desenvolveu o conceito de tendência atualizante, passou a voltar-se à pessoa como centro, não priorizando a dimensão social, vista como algo inerente ao indivíduo. A pessoa é vista como “centrada, autônoma, racional, que traz dentro de si mesma os recursos para o seu próprio desenvolvimento. A pessoa é pensada como um ser interiormente livre, subjetivo, absoluto, universal”.

É interessante observar que, contrapondo a esta ideia acerca da dimensão social no trabalho de Rogers, Justo (2002, p. 24) argumenta que, nas últimas décadas de vida, ele “envolveu-se, gradativamente, em âmbitos sociológicos mais dilatados, como jamais fez um psicólogo antes”. É fato indiscutível que Rogers ampliou as possibilidades de atuação de sua abordagem. Dedicou-se aos grupos de encontro, resolução de conflitos de grupos antagônicos nos EUA, África do Sul e Irlanda, o que lhe rendeu, inclusive, indicação ao Prêmio Nobel da Paz. Chegou a publicar alguns artigos em que demonstrava preocupação com os problemas

sociais. No entanto, talvez dado ao seu engajamento nessas atividades, ele não priorizou a reformulação teórica a partir de suas novas experiências.

Estudos como os de Morato (1989), Cury (1993), Advíncula (2001b) e Belém (2004) indicam que com o desenvolvimento das atividades de Grandes Grupos Intensivos e de Grupos de Encontro, Rogers redimensionou suas concepções, não as sistematizando, porém, em uma nova fase de produção. Sustentam a hipótese de que as vivências em tais grupos “possibilitam a emergência de expressões afetivas normalmente escamoteadas nas situações cotidianas” [...] “experiências desalojadoras” [...] ou o “caos enlouquecedor”, que podem fazer experimentar a descentralidade do homem e que “possibilitam um acesso máximo à verdade experiencial”, verdade aqui entendida como *aletheia*, que significa descoberta, velar e desvelar, e não como verdade representacional (Advíncula, 2001b, p. 10).

Apesar de identificar tais vivências no processo grupal, ou seja, o confronto com a diferença e a multiplicidade e apresentar disponibilidade para acatar a evolução de sua teoria, Rogers, segundo adverte Belém (2004), manteve, em todo o seu pensamento, a concepção de centralidade do homem capaz de se compreender suficientemente com base na racionalidade ou sabedoria de seu organismo. A autora propõe repensar a clínica, não negando o legado de Rogers, mas indo além da tendência atualizante e da ilusão de unidade, em que o homem possa ser pensado em termos de abertura, do ter-que-ser constitutivo do estar-aí.

Como a psicologia, que nascera de um processo histórico, no projeto da modernidade, em que ao mesmo tempo que instituía as cisões na experiência subjetiva não podia manter essas cisões, entendendo Rogers em seus conflitos na tentativa de conciliar a subjetividade do processo terapêutico e a objetividade do caráter científico do processo, assim como sua posição linear na manutenção da centralidade mesmo diante da identificação do descentramento dos fenômenos grupais. (Belém, 2004, p. 87)

Para Heidegger (1927/2005), o ontológico do homem, o *Dasein*, é um ser-aí lançado no mundo, que sempre é suas próprias possibilidades. Projeta-se para elas através de vários modos de ser. O modo próprio da cotidianidade é o *próprio-impessoal*, pois na maioria das vezes nos dirigimos às coisas e ao mundo das ocupações. A compreensão da existência volta-se para a passagem do fechamento para a abertura, ou seja, a apropriação de si que é também abertura ao outro e ao mundo.

Na perspectiva heideggeriana, desvio de si, o de-cair no mundo das ocupações e a fuga da existência está fundada na angústia. A angústia não é uma experiência disfuncional, um

estado ou uma propensão. É aquilo que se teme, mas, que, ao mesmo tempo, se deseja. É na angústia que a existência se abre a si mesmo, é uma *abertura*, uma saída da cotidianidade. Essa disposição para a abertura não significa um voltar-se para si subjetivo, mas caracteriza-se pelo ser si mesmo, com as coisas e com os outros (Bezerra, 2007).

Como a *abertura* se refere à constituição estrutural do *Dasein* (pre-sença, ser-aí), é explicitado e determinado pelo conceito de *cuidado* (*sorge*), que na edição brasileira é denominado cura. O ingresso ao *cuidado* se dá por meio da angústia, que se refere explicitamente ao *Dasein* como ser-no-mundo que de fato existe. Heidegger ao se referir à dimensão do cuidado rompe com uma concepção tradicional de subjetividade enclausurada uma vez que o *Dasein* se põe diante de si e abre-se para si em seu estar lançado, a sua constituição é abertura (Feijoo, 2000, p. 83). Por sermos ser-no-mundo nos voltamos para as coisas, para algo que nos escapa. Essa ausência da coisa é o nada, que se revela em parte alguma, com o que angústia se angustia.

Belém (2004) propõe, em seu estudo, alguns paralelos entre a prática clínica e o pensamento heideggeriano. Afirma que, para Rogers, a partir do conceito de tendência atualizante, o homem é capaz de se autodeterminar; tem algo que já é, em potência, algo simplesmente dado, essência. Enquanto, na perspectiva heideggeriana, o *Dasein* é mera possibilidade, abertura de ser, projeto.

Diante disso, a psicoterapia teria como objetivo ajudar a pessoa a apropriar-se de si ou atualizar um potencial? A autora aponta que é pelo cuidado que o homem ganha liberdade para se construir como próprio e que, ao terapeuta, cabe a tarefa de ajudar a devolver o cliente ao seu cuidado. Argumenta que essa concepção heideggeriana se contrapõe ao conceito rogeriano de que a psicoterapia consiste simplesmente na libertação de capacidades já presentes em estado latente. Na tarefa de “devolver o cliente ao seu cuidado” não se deve esquecer que o eu não se dá sem mundo, sem o outro e sem a estrutura do ser, ou seja, o ser humano só se faz no mundo, e pela sua condição de ser-lançado, ele tem a responsabilidade de cuidar do mundo. “Na prática clínica, o terapeuta funciona como facilitador para o outro assumir-se outramente, ou seja, assumir-se como cuidado de maneira mais própria, mais livre, mais responsável” (Belém, 2004, p.115).

A autora ressalta que uma maior clareza do enraizamento ontológico na clínica poderá nos abrir novas perspectivas e compreensão do próprio fazer clínico. A clínica, segundo ela, é uma atividade que lida com a dimensão ôntica da existência; trata dos entes, do cliente, dos fenômenos, porém, estes estão enraizados no ser, nas estruturas ontológicas do *Dasein*. Adverte que existe uma tendência em nós, psicoterapeutas, de rotular o indivíduo, como por exemplo,

ele é angustiado, medroso, insatisfeito ou tem potencial para, com isso nos referindo a uma essência a partir do que se observa onticamente. Aponta que na visão de Heidegger é na observação desses comportamentos “que a reflexão ontológica vai encontrar condições de possibilidade desses fenômenos, ou seja, é a estrutura ou modo de ser do Dasein que é fonte desses comportamentos possíveis e não ao contrário” (Belém, 2004, p. 111).

Advíncula (2001a), por outro lado considera que:

[...] as ‘brechas’ no cotidiano, as ‘quebras’ na ordem costumeira e o contato com o estranho, com o múltiplo e com o complexo, desestabilizam o rotineiro, ‘desalojam o eu’. Criam, com isto, possibilidades da escuta do novo e do redimensionamento das percepções, desconstruindo as lógicas identitárias. Penso, também, que os momentos grupais suscitam, com maior probabilidade, situações dessa ordem pela multiplicidade de interações diferenciadoras que viabilizam. (p. 146)

Ressalta que o trabalho com grandes grupos possibilitou uma nova visão do processo terapêutico, agora concebido como um movimento ou fluxo experiencial, resultado da interação terapeuta-cliente. Rogers, com base nas vivências grupais e inspirado nos novos paradigmas da física quântica, da química e da biologia, ampliou o conceito de tendência atualizante para tendência formativa (Rogers, 1980). Passou a refletir sobre as interconexões, a desordem, a instabilidade dos sistemas complexos. Isso favorece, conforme a autora, pensar a psicoterapia não somente a partir de uma relação terapêutica ‘um a um’, mas compreendê-la inserida e constituída por múltiplas condições. Em seu estudo, Advíncula (2001b), concluiu que o desenvolvimento da escuta clínica implica em sermos afetados por experiências desalojadoras. A organização grupal oferece um campo propício para experiências complexas e múltiplas que podem levar ao confronto com experiências incontornáveis e fundamentais para o devir humano.

Portanto, alguns questionamentos que aparecem em publicações nacionais sobre a psicoterapia centrada na pessoa voltam-se para a importância de incluir na teoria de Rogers uma perspectiva descentrada, ou seja, um olhar que vá além da pessoa-indivíduo, com abertura à complexidade, à diversidade, ao estranhamento, a uma concepção em que o homem constitui e é constituído pelo mundo, uma vez que o próprio Rogers, em suas últimas produções, já indicava tais possibilidades.

Quanto à outra categoria apresentada como possibilidade de reconfiguração da matriz epistemológica da psicoterapia centrada na pessoa, Barreto (2001), em seu estudo, aponta os

limites do conceito rogeriano de angústia e apresenta o conceito de angústia de Heidegger enquanto possível contribuição para fecundar e ressignificar a prática clínica.

Em Rogers (1951/1992), a angústia é entendida como uma resposta funcional ao alto grau de incongruência entre o self ou autoconceito e a experiência organísmica. Quando há um desacordo entre o que a pessoa experiencia no nível organísmico e o seu autoconceito, as experiências não são simbolizadas na consciência ou são distorcidas por serem ameaçadoras à estrutura do self. O indivíduo neste estado sente-se ameaçado e ansioso, comporta-se de forma rígida e defensiva a fim de preservar-se. Este desacordo é experimentado no nível da subcepção provocando intensa ansiedade. A intensidade da angústia é proporcional à extensão do self afetado pela ameaça. Nas palavras de Rogers:

De um ponto de vista fenomenológico, a angústia é um estado de mal-estar ou tensão cuja causa o indivíduo desconhece. Vista, do exterior, a angústia corresponde a uma tomada de consciência latente, pelo indivíduo, do conflito que existe entre o seu eu e a totalidade de sua experiência. Quando esta tomada de consciência se torna manifesta, a atuação das defesas se torna cada vez mais difícil. A angústia constitui a reação do organismo à ‘subcepção’ deste estado de desacordo e ao perigo de tomada de consciência – que exigiria uma modificação da estrutura do eu. (Rogers & Kinget, 1965/1977, p. 170)

A teoria rogeriana, conforme Barreto (2001, p.123), “descreve a angústia como distúrbio funcional, proveniente do impasse entre as estruturas psíquicas e as organizações sociais”. A autora problematiza esta compreensão, pois esta revela um caráter de causalidade entre os fenômenos, isto é, há uma possível causa própria da angústia que passa a ser vista como um fenômeno derivado e não constitutivo da condição humana. Ou seja, trata-se de uma compreensão ôntica, diferente da leitura heideggeriana, que é ontológica.

Ao argumentar sobre o caso Ellen West, Rogers reflete sobre a experiência de isolamento do homem moderno com base na sua teoria da personalidade (Rogers, 1977). Refere-se à incapacidade do indivíduo de se comunicar livremente consigo mesmo e a influência das pessoas-críterios, como representantes das organizações sociais, no processo de valoração das experiências, que por sua vez, poderiam ser interceptadas à consciência. É aí que surge, em função do desacordo entre self e experiência, um mal funcionamento psíquico e o estado de angústia no indivíduo. O estado de acordo e contato consigo mesmo poderá ser restabelecido por meio de uma relação facilitadora de ajuda (Barreto, 2001).

Ressalta que a angústia, na perspectiva de Rogers, associa-se, unicamente, ao desejo de vida, de desenvolver-se, à capacidade do organismo de reagir diante da ameaça subliminar provocada pelo desacordo entre a estrutura do self e a totalidade da experiência. Amparada em Barreto (2001) justifica que a visão de Rogers acerca do crescimento e da vida, e a consequente repulsa ao trágico, devem-se aos valores moralistas da cultura norte-americana e da concepção de ciência da época.

Indaga, ainda, sobre os limites da perspectiva de Rogers sobre a angústia, que se baseia em uma dimensão predominantemente intrapsíquica, diante do mal-estar contemporâneo e das novas formas de constituição de subjetividades em que o homem se encontra em um mundo permeado de múltiplos eventos que não compreende, muitos dos quais, geradores de descontrole. Julga ser necessário outros parâmetros para se pensar a existência humana; um deles é o posicionamento heideggeriano que através de suas ressonâncias possibilita reconfigurações do quadro teórico da psicoterapia centrada na pessoa.

Para Heidegger, a angústia “ao caracterizar-se por colocar o ser-aí diante do “nada”, possibilita a recondução à totalidade do ser, afastando-o da superficialidade objetivante do cotidiano” (Barreto, 2001, p.138). Esta noção possibilita uma aproximação com a experiência de desamparo, modo de ser característico dos tempos atuais. No entanto, adverte que a angústia não é uma reação a um determinado evento, e sim um fenômeno próprio da condição humana, uma disposição constitutiva da existência. Ela possibilita a descoberta da finitude, ao mesmo tempo em que abre possibilidades para o encontro com a alteridade e o fluir da existência.

## **Conclusão**

Na psicoterapia centrada na pessoa, a articulação entre as perspectivas rogeriana e heideggeriana aponta para a necessidade de se abrir espaço, na teoria e método da ACP, ao estranho, à falta, como condição de possibilidade da existência. Esta perspectiva descentrada, exposta no texto, consiste, fundamentalmente, em um olhar que vá além da pessoa-indivíduo. Portanto, uma releitura pós-rogeriana da psicoterapia centrada na pessoa que se apropria da fenomenologia, neste caso a heideggeriana, aproxima-se epistemologicamente de elementos de uma matriz compreensiva e fenomenológica. Verificamos que os questionamentos que aparecem nos textos que subsidiaram nosso estudo voltam-se, em especial, à produção teórica de Rogers nos anos 50. Dessa forma, são evidenciados os indicativos de revisão e atualização deixados pelo próprio fundador da abordagem. Na sua feição atual, a mudança é concebida enquanto fluxo e *continuum* do processo inter e intrapessoal e o conceito de experiência

repercutiu na redefinição das atitudes facilitadoras do crescimento e de um novo olhar sobre o processo de mudança na psicoterapia centrada na pessoa.

Adequando à prática clínica os conceitos heideggerianos de *abertura e cuidado*, alguns teóricos (Barreto, 2001; Advíncula, 2001b; Belém, 2004) indicam que a função terapêutica não é promover cura ou liberar um potencial, já presente em estado latente, mas facilitar ao cliente interpretar-se a si mesmo, devolvendo-o ao seu próprio cuidado de maneira mais livre e responsável. Isto não implica em um cuidado meramente intrapsíquico, mas abertura a si, aos outros, às coisas e ao mundo, pois o ser humano, pela sua condição de ser-lançado, constitui e é constituído pelo mundo. A concepção heideggeriana de angústia, com as devidas apropriações ao contexto psicológico, é apresentada como possibilidade de reflexão no sentido de compreendê-la não como um sintoma psicopatológico a ser extinto ou um distúrbio funcional, mas como uma condição humana que possibilita a saída da cotidianidade e a apropriação de si.

Diante do exposto, e dado ao caráter inacabado deste estudo, realçamos o valor do exercício crítico e respeitoso aos diversos modelos de compreensão do existir humano. As psicoterapias humanistas e fenomenológico-existenciais dão ênfase, em seu campo teórico e metodológico, à afirmação do vivido, ao aprendizado por meio da experiência imediata e a interação homem-mundo (Bezerra, 2007). Ainda que, em suas origens, apresentem lacunas quanto à concepção de homem, fruto do momento histórico vivido por seus fundadores, constatamos através deste estudo que há um movimento na atualidade, por parte de alguns psicólogos identificados com essas perspectivas, em lançar um olhar contemporâneo sobre elas, afastando-se de uma concepção essencialista e universal de sujeito e de uma subjetividade enclausurada.

Longe de considerar concluída a problemática aqui levantada, lançamos, por fim, algumas sugestões para futuras pesquisas: 1. Diálogo com alguns conceitos heideggerianos não desenvolvidos neste estudo, tais como, consciência, autenticidade, finitude e subjetividade, uma vez que eles podem ser fecundos na tematização psicológica de vivências humanas na atualidade; 2. Dialogar a tese exposta com o pensamento e a obra de autores contemporâneos, como Alice Holzhey-Kunz, tais como o conceito de inclusão pré-ontológica; 3. Aprofundamento e atualização dos pressupostos filosóficos que norteiam a teoria e o método desta abordagem psicoterápica, em especial em diálogo com a fenomenologia heideggeriana, cuja potencialidade ainda pode ser mais explorada; 4. Destacar não apenas as modificações, mas também o que permanece como essencial do pensamento rogeriano na prática de uma psicoterapia centrada na pessoa pós-rogeriana que dialoga com os autores da fenomenologia.

## Referências

- Abreu, L., Jr. (1996). *Conhecimento transdisciplinar: O cenário epistemológico da complexidade*. Piracicaba: UNIMEP.
- Advíncula, I. F. (2001a). Os acontecimentos da prática clínica contemporânea e a concepção de sujeito e mundo da modernidade. *Revista interlocuções*, 1(1), pp. 135-153. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=2587@>
- Advíncula, I. F. (2001b). *Experiências desalojadoras do eu e escuta clínica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.
- Barbosa, A. S. (2002). *O significado do fracasso em psicoterapia: Estudo fenomenológico com psicoterapeutas humanistas* (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia, Universidade de Fortaleza. Fortaleza, CE.
- Barreto, C. & Morato, H. T. P. (2001). Leitura crítica da teoria da terapia centrada no cliente. *Revista interlocuções*, 1(1), pp. 104-134. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=2564@1>
- Barreto, C. (1999). A compreensão e o lugar da abordagem centrada na pessoa no espaço científico-sociocultural contemporâneo. *Revista Symposium*, 3, pp. 34-40. Disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=2645@1>
- Barreto, C. (2001). *A psicologia clínica e o mal-estar contemporâneo: Impasses e resignificações* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.
- Belém, D. M. H. (2004). *Abordagem centrada na pessoa: Um olhar contemporâneo* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE.
- Belmino, M. C. (2021). *Os movimentos humanista-existencial e fenomenológico-existencial na psicologia: Entrelaçamentos históricos em uma narrativa breve*. Porto Alegre: Simplíssimo.
- Bezerra, M. E. S. (2007). *Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico - existenciais: Terapia centrada na pessoa e Gestalt-terapia*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, PA.
- Castelo Branco, P. C. (2010). *A noção de organismo no fieri teórico de Carl Rogers: Uma investigação epistemológica*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

- Castelo Branco, P. C. (2012). Revisão dos aspectos monadológicos da teoria de Carl Rogers à luz da Fenomenologia Social. *Rev. NUFEN*, 4(2), 83-98. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912012000200009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912012000200009&lng=pt&tlng=pt).
- Castelo Branco, P. C., & Cirino, S. D. (2016). Funcionalismo e pragmatismo na teoria De Carl Rogers: apontamentos históricos. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 22(1), 12-20. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000100003)
- Cury, V. E. (1993). *Abordagem centrada na pessoa: Um estudo sobre as implicações dos trabalhos com grupos intensivos para terapia centrada no cliente* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Dutra, E. M. S. (2000). *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Dutra, E. M. S. (2004). Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. *Estudos de psicologia*, 9(2), pp. 381-387. Disponível em <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7dTyvpTbPQW9XfFsgk4shcn/>
- Evangelista, P. E. R. A. (2015) O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: Questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: Uma proposta fenomenológica-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2016). Encontros e Desencontros nas Perspectivas Existenciais em Psicologia. *Psicologia em Revista*, 22(2), 258-274. Disponível em <https://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P258>
- Figueiredo, L. C. (2002). *Matrizes do pensamento psicológico* (9a ed.). Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1991).
- Freire, J. C. (1989). *A Ética da Psicologia Centrada na Pessoa em Carl Rogers*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.
- Freire, J. C. (2000). *As psicologias na modernidade tardia: O lugar vacante do outro*. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo.
- Frota, A. M. M. C. (1990). *Psicoterapia e consciência social* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

- Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo* (10a ed.). Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).
- Holanda, A. F. (1993). *Carl Rogers e Martin Buber: Abordagem centrada na pessoa e filosofia dialógica em questão* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Japiassu, H. (1992). *Introdução ao pensamento epistemológico* (6a ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Originalmente publicado em 1975).
- Justo, H. (2002). *Abordagem centrada na pessoa: Consensos e dissensos*. São Paulo: Vetor.
- Messias, J. C. (2001). *Psicoterapia centrada na pessoa e o impacto do conceito de experiência* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.
- Morato, H. T. P. (1989). *Eu-supervisão: Em cena uma ação buscando significado sentido* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Moreira, V. (1990). *Para além da pessoa: um estudo crítico da psicoterapia de Carl Rogers* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Moreira, V. (1992). A noção de pessoa na teoria de Carl Rogers. *Revista brasileira de pesquisa em psicologia*, 4(2), pp. 7-18.
- Moreira, V. (1993). Psicoterapia centrada na pessoa e fenomenologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 9(1), pp. 157-172.
- Moreira, V. (2007). *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: A pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume.
- Moreira, V. (2009). A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa são enfoques fenomenológicos? *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15(1), 3-12. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672009000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672009000100002)
- Moreira, V. (2010). Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 537-544. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ls8wOg3NHdXzDxJ56Rw49qx/>
- Nunes, B. (2002). *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rogers, C. R. (1977). *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU.
- Rogers, C. R. (1980). *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU.
- Rogers, C. R. (1991). Tornar-se pessoa (4a ed., M. J. C. Ferreira, & A. Lamparelli, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961).

Rogers, C. R. (1992). *Terapia centrada no cliente* (C. C. Bartalotti, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1951).

Rogers, C. R., & Kinget, M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas* (Vol. 1, M. L. Bizzotto, Trad.). São Paulo: Interlivros. (Originalmente publicado em 1965).

Teani, C. E. O. (1997) *Momentos de comunicação intensa entre terapeuta e cliente: Análise fenomenológica de depoimentos* (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

•  
**Márcia Elena Botelho Soares** - Doutora e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Pará e Especialista em Saúde Pública pela Universidade do Estado do Pará. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA).

**Hian Soares Teixeira** - Graduando em Psicologia na Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Endereço para correspondência: Belém-PA, Bairro Reduto, Rua Tiradentes, Edifício Maria Tudor, nº 650. CEP: 66053-330.

E-mail: [hianstx@gmail.com](mailto:hianstx@gmail.com)

Recebido em: 10/05/2023

Primeira decisão editorial em: 23/01/2024

Aceito em: 19/02/2024